

Eu sou o meu próprio inferno. Considerações sobre o superego e o duplo: os íntimos estrangeiros

I am my own hell. Considerations on the superego and the double: the intimate unfamiliar

Bruno Marte

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo levantar a construção do conceito de superego, evidenciar suas faces e funções, predominantemente, nas obras de Sigmund Freud e Melanie Klein, bem como estabelecer a relação entre o superego, os objetos terroríficos e o conceito de Sinistro/Estranho/Duplo (*Das Unheimliche*), para elucidar finalmente a natureza dos imperativos que determinam, em grande medida, as ações humanas.

Palavras-chave:

Superego; o estranho (*das unheimliche*); o duplo; psicanálise.

Abstract:

The present article has the goal of raising the construction of the superego concept emphasizing its faces and functions mainly in Sigmund Freud and Melanie Klein's works, as well as establishing the relations among the superego, terrific objects and the conception of the unfamiliar, uncanny and the double (*Das Unheimliche*), to finally elucidate the nature of the imperatives which often determine the human actions.

Keywords:

Superego; the uncanny (*das unheimliche*); the double; psychoanalysis.

“Somos nosso próprio demônio e fazemos deste mundo nosso próprio inferno.”

(Oscar Wilde)

INTRODUÇÃO

Como lidar objetivamente com o fato de um ser humano, portador de inteligência e condições materiais para sobreviver, sem debilidades físicas constatadas em diagnósticos médicos, ter pensamentos suicidas, impotência psíquica e/ou estar impossibilitado de atingir algum pequeno êxito na vida? Até o surgimento da psicanálise, quando o tratamento médico se mostrava ineficaz para tais manifestações sintomáticas, o esclarecimento e a “cura” eram atribuídos, em geral, ao misticismo e à religião. Constata-se que até hoje isso pouco mudou.

Freud custou a romper com as autoridades médicas vigentes para empreender com voz própria sua teoria e seu método. Ele se interessava pelo descontrole, pelo inominável, pelo obscuro subjetivo para além da objetividade, e dessa forma constatou em sua prática clínica que a subjetividade era determinada pelo inconsciente muito mais do que pelo consciente. Nesse sentido, houve uma quebra no paradigma, e a psicanálise situou-se como uma ferida narcísica nas ciências médicas e no ideal iluminista da objetividade. O sofrimento passa a ser subjetivizado.

Seria a própria psicanálise uma estranha/familiar a seu contexto histórico? Ao mesmo tempo em que foi criada no final do século XIX, carrega uma veemente potência crítica de sua época em que, até hoje, mesmo com sua popularização, pode-se sentir as resistências e objeções voltadas às suas proposições, inclusive por não habitar o campo médico, tampouco o místico/religioso.

Criada aproximadamente cem anos após a queda da Monarquia (O Rei, representante de Deus-Pai na Terra, que impõe a obediência, agora decapitado), decorrente da Revolução Francesa, a psicanálise continua hoje a observar as forças inconscientes determinantes das ações humanas e a interferir nelas criticamente. Age-se por que e para quê?

Para a construção de novas possibilidades de vínculo ou para a expiação masoquista da culpa? Para expandir a capacidade de usufruir da vida ou para triunfar sobre a condição humana? Para servir a um objeto onipotente ou para a cooperação com os demais humanos? Para capturar vorazmente tudo o que é bom do outro ou para estabelecer uma troca de conteúdos?

Para tentar dar conta dessas inquietações sobre o agir humano, será feito, em um primeiro momento, uma ilustração e um recorte da concepção do conceito de superego na obra de Freud; na sequência, uma exposição delimitada

desse conceito na obra de Melanie Klein, com enfoque na articulação e na diferenciação entre sua teoria e a de Freud; por fim, evidenciar-se-ão as elucubrações sobre os determinantes das ações humanas.

SUPEREGO: UM RECORTE EM FREUD

“Na verdade, não ficaria surpreso em ouvir que a Psicanálise, que se preocupa em revelar essas forças ocultas, tornou-se assim estranha para muitas pessoas, por essa mesma razão.”

(FREUD, S. *O estranho*. 1919)

Nos seus textos iniciais, principalmente em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud já dava indícios do que posteriormente seria uma faceta do superego, utilizando-se de termos como *Censura*, *Consciência Moral*, *Instância Crítica*, que tinham a função de deslocar e condensar os conteúdos psíquicos penosos/desejosos com o objetivo de garantir o sono numa formação de compromisso entre os sistemas Ics e Pcs/Cs.

Posteriormente em *Totem e Tabu* (1913), já se tem bases mais sólidas para o que virá a ser o superego, termos como *Moção Maligna* e *Culpa de Sangue* indicam a qualidade e a intensidade da instância. Nesse texto, o tabu é tido como um imperativo insensato, que deve ser acatado sob o risco de castigo mortal. Se por um lado o tabu conteria os desejos humanos de sua desmesura, por outro, massacraria o sujeito com suas proibições. Daí, pode-se constatar uma ambivalência advinda do encontro natureza *versus* cultura internalizada no psiquismo humano.

Freud faz uma conjectura das relações primordiais da espécie humana e suas consequências duradouras sobre o indivíduo. O pai da horda primitiva, despoticamente, detém exclusividade sexual e controle sobre as fêmeas do clã; em decorrência disso, os irmãos machos assassinam e devoram o pai – no intuito de serem poderosos como ele – num ritual totêmico e, uma vez satisfeito o ódio ao pai, ressurgem o amor via arrependimento e culpa nos irmãos, porque ao mesmo tempo em que oprimia o pai também protegia os filhos. Tal incorporação via canibalismo gera a identificação com o pai, que surge então como lei interna. Agora, o pai morto está internalizado e deixa resquícios profundos. A culpa e o arrependimento sustentam os dois tabus do totemismo: não matar o pai (animal totêmico) e não se relacionar sexualmente com membros do sexo oposto pertencentes ao próprio clã; proibição do incesto e do parricídio na esperança de serem redimidos pelo pai e protegidos por ele.

Contudo, nem todo o pai terrível é aniquilado no pacto entre os irmãos: permanece um resíduo, um avesso do pai morto, que, como espectro, ameaça retornar para se vingar (Gerez-Ambertin, 2003). Dessa maneira, abre-se um duplo aspecto do que será o superego: poderá ocorrer uma intensificação da proibição do incesto (sexualidade) e do parricídio (agressividade) ou um imperativo em direção oposta que comandará o crime incentivando o parricídio e o incesto. Extrema inibição, de um lado, ou desmesura e criminalidade por outro – como consequência da vingança do resíduo demoníaco do pai internalizado (espectro) – determinando as ações humanas. Posteriormente, será exposta a origem dessa face demoníaca em pormenores.

Com o objetivo de ilustração desse imperativo que ordena ao crime, pode-se recorrer ao texto de Freud (1916), intitulado: *Criminosos em consequência do sentimento de culpa*, em que serão discutidas as ações criminosas enquanto imperativos superegoicos que operam em direção ao crime como maneira de expiação da culpa. Nas palavras do autor:

O trabalho analítico trouxe então a surpreendente descoberta de que tais ações eram praticadas principalmente por serem proibidas e por sua execução acarretar, para seu autor, um alívio mental. Este sofria de um opressivo sentimento de culpa, cuja origem não conhecia, e, após praticar uma ação má, essa opressão se atenuava. [...] O resultado invariável do trabalho analítico era demonstrar que esse obscuro sentimento de culpa provinha do complexo de Édipo e constituía uma reação às duas grandes intenções criminosas de matar o pai e de ter relações sexuais com a mãe (1916/2006 p. 347).

Não se pode deixar de destacar também outro tipo de caráter que Freud postula no texto *Arruinados pelo êxito* (1916), em que alguns sujeitos fracassam quando estão prestes a obter um êxito. Tal fracasso se dá devido ao castigo que deve ser executado via imperativo: “deves fracassar para pagar o que cometeu”.

Portanto, os termos *Culpa de Sangue* e *Moção Maligna* estão diretamente relacionados ao autossacrifício exigido internamente a partir de duas modalidades: como maneira de expiar o crime parricida contendo excessivamente os impulsos ou liberando-os demasiadamente no intuito de correr o risco de ser punido. “Pago com minha vida pelo assassinato que cometi”, essa é a culpa de sangue exigida à humanidade.

Entretanto, no texto *Uma Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud, com a noção de Ideal do Eu, enxerga outra face relacionada ao que virá a ser o superego. Ela está ligada à incorporação da influência crítica dos pais e da sociedade, que tem a função de exigir proibições, possibilitar a auto-observação, bem como criticar a distância entre ego ideal e ego real. Essa função pode incentivar o ego para que se desenvolva e atinja seus objetivos, propiciando uma satisfação narcísica que o protege de cometer atrocidades imorais ou perniciosas. Seria o ego ideal uma face superegoica benigna e protetora do ego real? Em parte, pois coexiste com ele uma face interditora e punitiva quando o ego não se aproxima do ideal.

Dito isso, o que precisa ser melhor evidenciado agora é o conceito de identificação, temática central para a elucidação superegoica. Freud vai lapidar sua teoria a partir da identificação, no sentido de ela ser uma defesa contra o abandono dos objetos primordiais que são modelos e referências. Devido à ambivalência sentida pelo ego com relação a esses objetos, eles, quando são interiorizados, passam também a recriminá-lo – via formação reativa –, adquirem um caráter hostil e tornam-se estrangeiros/familiares. Essa identificação (secundária) é, portanto, uma maneira de lidar com o desamparo causado pela perda dos objetos primários, amados e odiados. Um exemplo mais extremado desse movimento psíquico pode ser constatado na melancolia, em que a ambivalência vem a primeiro plano e entra em ação quando o objeto é abandonado. Se numa situação de desprezo, desvínculo, morte ou decepção, o amor frente ao objeto não puder ser renunciado, e, se ocorrer uma identificação narcísica com ele, o ódio passa a advir do objeto ao ego, que passa a ser sadicamente atacado por ele. A autorrecriminação é um ataque outrora feito aos objetos primordiais, que são deslocados num segundo momento ao ego do sujeito (FREUD, 1915). Portanto, novamente pode-se constatar o seguinte imperativo por parte do objeto: “Já que você desejou a minha morte, agora deverá pagar com sua vida para se redimir”.

Tendo em vista que o interesse principal neste artigo recai sobre a face demoníaca¹ do superego, deve-se agora adentrar brevemente na noção de pulsão de morte para substanciar a sua conceituação. A partir de 1920, com *Além*

1 Claramente, utiliza-se o termo diabo sem um viés religioso ou maniqueísta, mas como metáfora. Origem da palavra diabo: do latim *diabolus*, que significa ‘demônio’, ‘entidade intrigante’. Alguns etimologistas também acreditam que o termo ‘diabo’ possa ter se originado do grego *diábolos*, que neste caso significaria literalmente ‘acusador’ ou ‘aquele que engana’. O grego *diabolos* teria, por sua vez, origem do termo *diaballein*, que pode ser traduzido como ‘atacar falsamente’. No entanto, a palavra ‘diabo’ entrou no dicionário da língua portuguesa através da forma em latim, *diabolus*, como sinônimo de ‘espírito da mentira’ ou ‘entidade maligna’. Fonte: dicionário etimológico online.

do princípio de prazer, a obra freudiana dá maior ênfase à agressividade, que passa a ser o maior impedimento para a construção da civilização e introduz a teorização da pulsão de morte. Esse texto não será examinado, mas cabe evidenciar que a pulsão de morte é a pulsão que se manifesta pela compulsão à repetição e tem o objetivo de reduzir a zero toda a tensão do aparelho psíquico, ou uma volta ao estado inorgânico. Dependendo da intensidade em que ela estiver em fusão com a pulsão de vida, pode manifestar-se como sadismo ou masoquismo. A partir de 1920, portanto, temos a chamada segunda tópica, em que se dá maior evidência ao Id e ao surgimento do superego enquanto herdeiro do Id. É necessário lembrar que o Id é a fonte das pulsões.

A pulsão de morte tem importância nesse momento devido à constituição superegoica estar ligada também a uma identificação primária, intrusiva, anterior ao investimento objetal, e conter um resto inassimilável, pulsional, sem metáfora, que atua como um desarranjo econômico ligado à cisão do ego. A instância crítica torna-se autônoma, e a constante expectativa de castigo e autorrecriinação operam como um resíduo do pai perverso e vingativo.

Gerez-Ambertin (2003, p. 64) a partir de Freud, esclarece essa natureza superegoica:

Não foi inadvertidamente que Freud a correlacionou [a identificação primária] na segunda tópica ao pulsional. É por isso que a instância crítica (resultado da identificação primária por incorporação intrusiva) é resistente à dialética identificatória secundária. [...]. Portanto, não é possível reduzir a instância crítica [...] a todo o campo das identificações, pois se trata de um além do inconsciente que se ancora somente na identificação fundadora do sujeito.

Será que esse além do inconsciente pode estar relacionado com o que adiante Melanie Klein nomeará como inconsciente profundo, para o qual os objetos terroríficos seriam excindidos? Será possível uma modificação na qualidade dessa identificação ou desses objetos terroríficos, uma vez que estão para além do inconsciente?

No texto *O Ego e o Id* (1923), Freud formula a noção de superego ainda com ambiguidades, pois ao mesmo tempo em que coloca que o superego advém de “uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia de objeto” (FREUD, 1923/2006), indicando um superego herdeiro do Id (pulsional), o mesmo Freud, numa passagem posterior, traz os dois imperativos superegoicos ligados à identificação secundária. “Você deve

ser como o seu pai” – identificação idealizada – e, ao mesmo tempo, “você não pode ser como seu pai” – interdição edípica interiorizada (FREUD, 1923/2006). Esta seria a face do superego que tem a missão de reprimir o complexo de Édipo e passa a ser um obstáculo interno à livre expressão e satisfação dos impulsos. Tal face – herdeira do complexo de Édipo – é distinta da qualidade do superego herdeiro do Id, já que seria mais mesurada e restritiva.

Já no texto *Mal-Estar na Civilização* (1930), Freud faz uma conceituação mais completa sobre o superego e coloca a culpa como consequência da incorporação² do pai. Se antes o humano tinha medo de desobedecer ao pai real, agora passa a obedecer aos imperativos superegoicos; conseqüentemente, a agressividade que era dirigida ao pai, na realidade ou em fantasia, volta-se contra o próprio ego. Essa instância superegoica é responsável pela vingança do pai incorporado-agredido/assassinado contra o humano; entretanto, não se trata do pai real, e sim da agressividade voltada a ele, que será introjetada e resultará numa relação sadomasoquista entre superego e ego. A intenção passa a ser equivalente ao ato, uma vez que desejar a morte do pai e a obtenção sexual da mãe torna-se motivo suficiente para o ego ser não apenas reprimido mas também punido cruelmente.

Nas palavras de Freud:

É provável que, na criança, se tenha desenvolvido uma quantidade considerável de agressividade contra a autoridade, que a impede de ter suas primeiras – e, também, mais importantes – satisfações [...] Ela, porém, é obrigada a renunciar à satisfação dessa agressividade vingativa [...] através da identificação, incorpora a si a autoridade inatacável. Esta transforma-se então em seu superego, entrando na posse de toda agressividade que a criança gostaria de exercer contra ele. O ego da criança tem de contentar-se com o papel infeliz da autoridade – o pai – que foi assim degradada. Aqui, como tão frequentemente acontece, a situação [real] é invertida: ‘Se eu fosse o pai e você fosse a criança, eu o trataria muito mal’ (1930/2006, pp.132-133).

2 Segundo Laplanche e Pontalis, existem três significações para o termo incorporação: “obter um prazer fazendo penetrar um objeto em si; destruir esse objeto; assimilar as qualidades desse objeto conservando-o dentro de si” (*Vocabulário de Psicanálise*, 1996). A evidência nesta passagem do texto é referida ao segundo significado, isto é, da incorporação enquanto destruição do objeto.

“Se eu fosse o pai e você fosse a criança, eu o trataria muito mal”, essa sentença determina muitas vezes o caminho de um indivíduo durante uma vida inteira. Os humanos, em grande medida, seguem esses mandamentos, seja nas ações trágicas para consigo mesmo, seja no autossuplício “provocado” por Deus-Pai-Superego. Os indivíduos, com muita frequência, agem com o intuito inconsciente de expiar a culpa. Adoecem e fracassam frente à vida como um ganho secundário, pois sentem que precisam ser punidos por terem odiado os primeiros objetos da vida. Essa pode ser uma resposta possível à primeira pergunta: age-se por que e para quê?

Enfim, pode-se resumir deste recorte da obra freudiana que o superego advém da identificação (primária) intrusiva, anterior à catexia objetal, daí seu caráter aterrorizante e demoníaco (face devastadora e imperativa), enquanto herdeiro do Id, e também da identificação secundária (face protetora e proibitiva), enquanto herdeiro do Complexo de Édipo.

Dito isso, cabe fazer um recorte da conceituação do superego em Klein, com o objetivo de comparação, diferenciação e contribuição à teoria psicanalítica no que diz respeito ao assunto do inimigo interno demoníaco. Deve-se entender a natureza e função do superego para então tentar dar conta das perguntas: o duplo é uma personificação superegoica? É um objeto terrorífico de caráter imutável? Ele determina as ações do ego em que medida?

O SUPEREGO EM KLEIN: UM RECORTE

Para Klein, em seu texto *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego* (1928), o superego já se forma a partir das primeiras introjeções do objeto, antes, portanto, do que constata Freud. Num primeiro momento, o organismo (ego primitivo) do bebê é tomado pela angústia, provocada pela pulsão de morte resultante do seu desamparo frente à vida. Para tentar se livrar desse perigo interno, num segundo momento, o ego primitivo visa destruir todos os objetos que provoquem terror, cabendo a ele projetar³ a sua parte destrutiva de maneira sádica dentro do objeto primordial (mãe), ou em partes dela, com o intuito de transformar os perigos internos em externos. Nesse movimento psíquico, o objeto externo, fantasiosamente danificado, é introjetado e tornado extremamente assustador, pois assume a qualidade dos sentimentos hostis do bebê. Essa introjeção objetal já constitui as bases do superego como imagos fantásticas ameaçadoras.

3 Pode-se colocar que esse processo está ligado mais especificamente ao que Klein nomeia Identificação Projetiva, na medida em que é uma modalidade da projeção em que, para se livrar dos conteúdos maus, o bebê os projeta fantasisticamente para o interior do corpo materno para lesá-lo e/ou controlá-lo.

Se a mãe compreender o ataque e a aflição do bebê e puder corresponder de maneira acolhedora, o bebê sentirá que não sofrerá retaliação dela, possibilitando a transformação da qualidade da percepção dos objetos projetados (maus) em introjetados (bons). Essa capacidade da mãe de receber, conter e traduzir os conteúdos presentes na experiência vivida com o bebê é essencial para o abrandamento da persecutoriedade provocada pelo superego. Cabe inferir que, no princípio desse processo, os objetos introjetados têm uma característica extrema: quando são gratificantes, são sentidos como excelentes, perfeitos e ideais; quando há frustração, são sentidos como aterrorizantes, aniquiladores e extremamente perigosos. Porém, se o mundo interno for habitado por muitos objetos terríveis – seja por uma incapacidade da mãe em acolher e transformar tais conteúdos projetados nela ou devido a uma destrutividade constitucional extrema do bebê –, a projeção pode ser prejudicada e gerar consequências graves ao ego, pois estará impedido de evadir-se dos inimigos internos e assim não haverá possibilidade de modificação na percepção da qualidade desses objetos. Uma das consequências dessa deficiência na projeção pode ser uma inibição intelectual, pois, para Klein, a busca por conhecimento ou a pulsão epistemofílica está diretamente ligada à possibilidade de o bebê poder experimentar suas fantasias agressivas no mundo externo.

Ainda no texto de 1928, Klein deixa claro as duas linhas de pensamento de Freud sobre a formação do superego, uma ligada à introjeção da severidade do pai real, outra ligada aos impulsos destrutivos da própria criança enquanto determinantes da severidade do superego. Klein claramente defende a segunda linha, em que não se trata da introjeção dos pais reais, mas de distorções advindas da destrutividade do bebê direcionadas ao objeto primordial e proporcionais a ela. Cabe constatar que o próprio Freud dois anos depois desse escrito de Klein, em 1930, no texto *O mal estar na civilização*, deixou clara a sua posição quanto à severidade do superego encontrar-se diretamente ligada à agressividade da criança voltada contra o objeto e não à severidade do pai real.

Posteriormente, no artigo intitulado *Sobre a criminalidade* (1934), Klein acrescentará a noção de que, quanto maior for o medo da retaliação por parte das figuras paternas fantasiadas, devido ao ataque dirigido a elas, mais a criança pode desenvolver tendências criminosas e antissociais. Para a autora, isso é propiciado não pela ausência ou fraqueza superegoica, mas por uma manifestação da severidade avassaladora do superego. Nas palavras dela:

[...] quanto mais teme a retaliação cruel dos pais como punição pelas fantasias que dirige a eles, mais a criança apresenta tendências criminosas e antissociais. Crianças que esperam ser cortadas em pedaços,

decapitadas, devoradas e assim por diante, sentem-se impelidas a se comportar mal para serem punidas, pois o castigo real, por mais que seja severo, sempre será tranquilizador em comparação com os ataques assassinos que esperam de pais fantasticamente cruéis. [...] cheguei a conclusão de que não é a fraqueza ou ausência do superego (como se costuma supor) – ou seja, a falta de consciência – a responsável pelo comportamento característico de pessoas criminosas e antissociais, mas sim a severidade avassaladora do superego (1934/1996, p. 298).

Se o bebê pode sentir que essa retaliação não destrói a mãe, a tendência é que esse sadismo diminua a partir da introjeção de bons objetos. É nesse sentido que Klein coloca a possibilidade, nesse texto, do caráter superegoico se modificar, gerar menos ansiedade – a partir do sentimento de culpa por ter atacado um objeto que também lhe dá amor – e ter mais consideração pelos objetos e pela vida em sociedade. Portanto, a expiação da culpa pode ter no mínimo dois destinos: a reparação do objeto (vínculo consigo mesmo e com o outro) ou a autopunição masoquista por tê-lo atacado (desvínculo consigo mesmo e com o outro).

Seguindo a cronologia dos textos de Klein, pode-se constatar uma certa mudança de visão da autora com relação às figuras aterrorizadoras. No texto de 1958, intitulado *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental*, ela parte do princípio de que existe no bebê um perigo iminente de ser destruído pela pulsão de morte, manifestado como ansiedade extrema, que ativa no ego a função de projetar os impulsos agressivos ao mundo exterior.

Aqui se tem uma diferenciação com relação à teoria freudiana. Freud defende que não existe algo inconscientemente que evidencie o medo da morte. Para Klein, por outro lado, o ego primitivo do bebê já está ameaçado pela ação da pulsão de morte desde o nascimento. Isto posto, o ego opera para mobilizar a libido tendo como meta a fusão desta com a pulsão de morte. Com o intuito de apaziguar o psiquismo, uma quota dessa pulsão é projetada ao mundo exterior e pode receber algo bom do mundo externo (mãe) que possa ser introjetado e, dessa forma, ligado à quota da pulsão de morte que permaneceu interna. É assim que a ameaça de aniquilação pode ser abrandada.

É nesse sentido que a formação do superego antecede o complexo de Édipo, pois as bases para sua formação já se dão desde o começo da vida a partir desse movimento fusional das pulsões de vida e de morte. Tal movimento gera a cisão do ego (projeção do que é mau no mundo externo, para ficar com

o que é bom internamente), e, com a introjeção do seio bom e do seio mau, formam-se os alicerces do superego, que contém qualidades tanto protetoras quanto ameaçadoras (KLEIN, 1958). É importante lembrar, também, que parece haver a possibilidade na obra de Freud do superego ser um herdeiro do Id, devido à identificação primária intrusiva. Entretanto, Freud não pôde desenvolver esse esclarecimento mais detidamente.

De qualquer maneira, cabe exemplificar as duas faces superegoicas con-dizentes com a teoria kleiniana, nas palavras dela:

[...] o âmbito de ação do superego vai desde o refrear do ódio e de impulsos destrutivos, da proteção do objeto bom e autocrítica, até ameaças, queixas inibi-tórias e perseguição. O superego – estando vin-culado ao objeto bom e até empenhando-se por sua preservação – aproxima-se da mãe boa real, que alimenta a criança e cuida dela; mas como o superego também está sob a influência da pulsão de morte, ele parcialmente se torna o representante da mãe que frustra a criança, e suas proibições e acusações suscitam ansiedade (1958/2006, 274).

Mesmo o superego contendo uma face protetora, como já mencionado, o enfoque deste escrito é nas imagos terroríficas ou objetos de caráter aterro-rizantes, sobre os quais Klein, nesse texto, traz uma nova possibilidade de compreensão. Tais objetos são excindidos de maneira diferente se comparados àqueles aos quais se forma o superego: eles são relegados às camadas mais profundas do inconsciente (KLEIN, 1958). Daí a diferenciação entre dois tipos de cisão: a defusão das pulsões de vida e de morte prepondera na excisão desses objetos terroríficos, diferentemente da formação do superego, em que há um predomínio, mesmo que parcial, da fusão das pulsões. Devido a essa fusão, torna-se possível ao ego integrar o superego com maior ou menor intensidade. Já as figuras terroríficas serão rejeitadas constantemente pelo ego por conta da defusão operante, dificultando a integração. A capacidade do ego integrar os impulsos destrutivos e sintetizar os diferentes aspectos (bons e maus) dos objetos internos (KLEIN, 1958) é o que pode mitigar o efeito dessas figuras superegoicas, que caracterizam-se pela intensa persecutoriedade e terror. Parece claro, então, que o superego pode ser abrandado pelos movimentos de projeção e introjeção, enquanto os objetos terroríficos parecem imutáveis em alguns casos.

Ainda nesse trabalho, Klein cita o estudo de Rosenfeld de 1952, que diz respeito ao superego do esquizofrênico, onde constata-se uma quase indiferenciação entre os objetos terroríficos, persecutórios e onipotentes, e o superego. Com o objetivo de esclarecer essa quase indiferenciação envolvendo a relação desses objetos terroríficos com o superego, cabe adentrar agora, rapidamente, nas ideias de Rosenfeld.

A partir do conceito de narcisismo destrutivo e da sua relação com a pulsão de morte, Rosenfeld evidencia o efeito de reação terapêutica negativa no processo de análise. Pode-se colocar, de maneira resumida, que a reação terapêutica negativa consiste numa resistência a fortalecer o vínculo com o outro (analista), em que operam ataques ao vínculo e que o paciente parece preferir piorar, uma vez que a melhora pode ser sentida como uma traição ao seu objeto interno degradante, travestido de bom mentor. Rosenfeld classifica essa maneira de existir como onipotente por prescindir do mundo/objeto externo. Em suas palavras:

Qualquer contato com a realidade ou com auto-observação [...] é considerado muito perigoso. [...] essa maneira de existir onipotente é vivenciada e até mesmo personificada como um bom amigo ou um guru que usa fortes sugestões e propaganda para manter o *status-quo* [...] Qualquer objeto, particularmente o analista, que ajuda o paciente a enfrentar a realidade de sua necessidade e dependência, é considerado perigoso por esse bom amigo, que tem medo de ser exposto como um fantasma. [...] Quando a capacidade de auto-observação do paciente melhora e ele toma consciência desse processo e tenta libertar-se do controle, a natureza sedutora e persuasiva da estrutura onipotente muda; torna-se sádica e ameaça o paciente de morte. Somente então é que ele percebe que, oculto na estrutura onipotente, existe um superego muito primitivo que menospreza e ataca as capacidades do paciente, suas observações e especialmente sua tentativa de aceitar sua necessidade de objetos reais (1988, p. 121).

O que significa um superego primitivo oculto na estrutura onipotente? Existe diferenciação entre estrutura onipotente e superego? Essa estrutura é uma aglomeração de objetos persecutórios? Certamente são questões que

envolvem diferentes pontos de vista entre as diversas concepções psicanalíticas, portanto não podem ser respondidas de maneira absoluta. O que pode ajudar nesse esclarecimento da amplitude da questão é a afirmação de Ruth Riesenber-Malcolm, em que ela coloca que a maioria dos kleinianos considera o superego como uma função especial dos objetos internos. Ela, particularmente, considera que todos os objetos internos funcionam como superego (MALCOLM, 2004). Essa é a visão defendida neste artigo: a de que todos os objetos funcionam como superego, porém nem todos podem ser modificados em sua natureza.

Seja como for, parece claro que existem objetos (des)vinculados do superego, que atuam de maneira sedutora, persuasiva e mentirosa, fantasiados de figuras ideais. Essas características são as mesmas características do duplo/estranho. No pacto com esse “bom amigo” prevalecem a arrogância, o ódio ao conhecimento de si, do outro e do mundo externo; trata-se do caminho para o dismantelamento da vida, para a irresponsabilidade, para o impedimento à fraternidade e ao amor.

O DUPLO, O SUPEREGO E OS OBJETOS

Segundo a concepção homérica, o homem está duas vezes, em sua forma perceptível e em sua imagem invisível, a qual só se liberta na morte. Isso, e nada além, é sua psique. Nas pessoas vivas, possuidoras de alma, mora um estranho visitante, um duplo mais fraco, seu outro eu como sua psique... cujo reino é o mundo dos sonhos. Quando o outro eu, o eu próprio adormece sem perceber, o duplo desperta e atua.

(Erwin Rohde citado por Otto Rank no livro *O Duplo*)

Fez-se necessário um recorte na trajetória da complexa construção teórica do superego nas obras freudiana e kleiniana como tentativa de dar bases aos questionamentos relativos ao inimigo interno, *Das Unheimliche* (Estranho familiar), *O Duplo*, a face demoníaca do pai enquanto superego herdeiro do Id, e à estrutura onipotente, sedutora e degradante do ego. Seriam todos esses conceitos uma tentativa de nomear as manifestações das figuras terroríficas que determinam as ações humanas? Provavelmente, sim. Os psicanalistas lidam com essa força hostil, esse inimigo cravado no psiquismo, mas as diferenças com relação às origens e os desdobramentos teóricos permanecem abertos.

Neste momento, cabe o esclarecimento das características do duplo/estranho para analisarmos a sua relação com os objetos internos terroríficos.

Na obra intitulada *O Duplo* (1914), Otto Rank faz um rico e minucioso estudo sobre as manifestações do duplo na literatura e as articula com a teoria psicanalítica. Ao analisar obras de autores clássicos – Dostoiévski, Allan Poe, Hoffmann, Oscar Wilde, Maupassant, dentre outros –, Rank pôde estabelecer as consequências psíquicas do fenômeno do duplo e sua relação com a patologia. Diz ele:

As representações literárias [...] não apenas confirmam a concepção freudiana da disposição narcísica à paranoia, mas também reduzem, [...] o perseguidor principal ao próprio eu, na pessoa inicialmente mais amada, contra a qual se dirige a defesa. [...] Sabemos que a pessoa do perseguidor representa muitas vezes o pai ou o seu substituto [...] e também de acordo com nosso material, o duplo é frequentemente identificado com o irmão [...] e até como gêmeos [...]. Na verdade, o duplo, objetivamente é o arquétipo de seu rival em tudo, mas principalmente na questão amorosa. [...] O sintoma mais evidente desse estado psíquico parece ser um forte senso de culpa que obriga o herói a não assumir a responsabilidade de certos atos de seu ego, mas sim transferi-la a um outro Eu, um duplo que personifique o próprio diabo ou que seja criado por um pacto diabólico (1914/2003, pp. 126, 127, 128).

Freud cita o trabalho de Rank em seu texto *O estranho* (1919), e, em consonância com o autor, coloca que o duplo inicialmente surgiria como uma tentativa de segurança contra a destruição do ego, ou, senão, enquanto uma enérgica negação do poder da morte, no sentido de que o duplicar seria uma defesa onipotente contra a extinção. Continua Freud:

Tais ideias, no entanto, brotaram do solo do amor próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto, quando essa etapa está superada, o ‘duplo’ inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. [...] Forma-se ali, lentamente, uma atividade especial, que consegue

resistir ao resto do ego, que tem a função de observar e de exercer uma censura dentro da mente, e da qual tomamos conhecimento como nossa ‘consciência’ (1919/2006, p. 253).

Cabe reforçar que Klein dá subsídios a esse movimento de inversão no sentido de um objeto idealizado tornar-se persecutório. Como foi exposto anteriormente, nos primórdios da vida, o bebê sente a gratificação como algo perfeito, ideal, e quando a frustração aparece, o objeto é péssimo, cruel e persecutório. Estaria aí uma possibilidade para o duplo inverter o seu aspecto e permanecer persecutório devido a uma impossibilidade na projeção e, conseqüentemente, na introdução de objetos bons.

Continuando ainda com as perturbações do ego provocadas pelo fenômeno do duplo, Freud (1919/2006) conclui que “são elas um retorno a determinadas fases na elevação do sentimento de autoconsideração, uma regressão a um período em que o ego não se distinguiria ainda nitidamente do mundo externo e de outras pessoas”. Freud, então, dá indícios de que o duplo seja produto da identificação direta e imediata com um objeto – num estágio em que não há distinção clara entre ego e mundo externo – que pode se manifestar de inúmeras formas como vozes imperativas, alucinações visuais, espectros, visando à autodestruição graças à sua natureza mais próxima ao pulsional, dificultando a mediação e a simbolização metafórica da instância. Assim, o ego fica à mercê desses mandatos e ameaças, cortando o vínculo com a realidade e caminhando para o abismo existencial, acompanhado do estranho anunciador da morte que determina suas ações:

Pois é possível reconhecer, [...] a predominância de uma compulsão à repetição [...] poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco [...] Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre essa íntima ‘compulsão à repetição’ é percebido como estranho (1919/2006, p. 256).

Nesta passagem, Freud indica mais claramente a possibilidade do duplo estar vinculado ao pulsional, mais especificamente ao que, no ano seguinte a esse artigo, virá a ser a pulsão de morte, que tem como expressão a compulsão à repetição. Esse estranho se apresenta, como se viu anteriormente, como um amigo ou uma voz sedutora que exige fidelidade. Ele é produto da confusão

entre mundo interno e externo e entre o que é bom ou mau, isto é, de uma cisão muito rígida. Em consequência disso, o alimento se torna envenenado, o outro é visto com desconfiança assustadora, os vínculos são aniquilados, os êxitos tornam-se inviabilizados, a degradação ética se impõe, o cuidado de si se impossibilita e a capacidade de fruição da vida é destruída. É nesse sentido que o inferno não são os outros. Trata-se da especulação de que o inferno está cravado no humano, em que se pode traduzir com voz ativa: “Eu sou meu próprio inferno”.

Afinal, o duplo está vinculado a uma identificação que retorna do recalcado ou a uma compulsão à repetição? Creio, a partir de indícios em Freud e Klein, que o duplo é uma personificação de objetos persecutórios terroríficos, que operam compulsivamente e atuam no desvínculo consigo mesmo e com os outros por serem representantes da pulsão de morte. Se fazem parte do superego, se são manifestações superegoicas, ou se “habitam” o inconsciente profundo para além do superego, é uma questão aberta. O que se constata nas diferentes linhas psicanalíticas são as duplas faces do superego, a dupla face dos objetos introjetados e a impossibilidade de alguns indivíduos integrarem essas duas faces, ficando à mercê dos imperativos advindos desses objetos que impedem a formação de vínculos fraternos e amorosos, que determinam em grande parte o destino da humanidade.

O duplo está a serviço do que é inumano. Odeia o trabalho, a ética, o amor e dá ordens para que o sujeito aja de maneira mais eficiente rumo à descarga mais radical: a morte. “Acabe logo com isso, mostre que é dono de si, depois da morte eu estarei com você, afinal de contas esse mundo não te serve”. São vozes que triunfam sobre a imperfeita condição humana que é humilhante para o duplo. “Acabe consigo mesmo ao invés de resignar-se a essa desvalida condição humana”. Essa é a voz que desdenha da e que triunfa sobre a castração. É a voz que insiste na mentira e na ilusão, é a parte onipotente embebida de *hybris* que, tiranicamente, devasta o ego. O duplo é um “amigo degradante”, defensor da *hybris*⁴, da desmesura, que promete os céus, forçando o humano ao caminho da vida infernal. Essa pode ser a origem do pacto do humano com o demônio.

4 “A pessoa, quando está tomada pela *hybris*, fica em um estado mental que corresponderia ao que se nomeia de “cheia de si”. Nesse estado, a pessoa volta-se exclusivamente para a satisfação de seus desejos, livre de qualquer constrangimento. O sujeito no estado de *hybris* tentará realizar aquilo que almeja, mesmo que isso corresponda a um desrespeito ao outro. [...] a *hybris* é considerada a responsável pelo surgimento do tirano, e Édipo, por estar imbuído desse sentimento, está conduzindo a cidade para a tirania, um estado em que não se respeita o que é adequado a cada um”. Trecho do artigo: *Hybris e a ofensa ao divino como causa da ruína dos governantes em êsquilo*. LEITE, Priscilla G. pp. 4-5.

Enfim, esse é o terreno que o psicanalista habita cotidianamente em sua prática clínica. É possível enfrentar essas forças terroríficas?

DESILUSÃO, VERDADE, TRISTEZA NUTRITIVA E INTEGRAÇÃO

O psicanalista não teria função se não fosse minimamente possível uma alteração na relação do humano consigo mesmo. Mesmo tendo a consciência de que muitos não têm condições para essa alteração, a luta cotidiana do psicanalista é trabalhar para que o analisando possa ser mais amigo de si próprio.

Esse encontro consigo promove uma desilusão devido ao reconhecimento da incompletude e da dependência. Nesse processo, o luto de si deve ser vivenciado e elaborado numa espécie de tristeza nutritiva integradora⁵, que aproxima o humano de sua humanidade, gerando a capacidade de amar e de ser amado por outro, pois a condição para o florescimento do amor exige reconhecimento e aceitação da própria incompletude vulnerável. O processo de humanização consiste na aceitação de que se é apenas mais um que precisa de ajuda para enfrentar respeitosamente os obstáculos da vida com potência criativa. Por não viabilizar a vivência da dignificante pequenez humana e da necessidade de autocuidado por ela requerida, a mentira sedutora defendida pelo duplo está no campo da degradação, da estagnação, do extermínio de si e das relações humanas, e é desta maneira que a parte criativa, benevolente e fraterna do ego é dizimada pelo duplo dissimulado, patrocinador do auto-ódio e da inveja de si. Compactuando com a autoviolência enquanto produto da mentira, o duplo tem repulsa pela verdade e ódio à construção da subjetividade.

A verdade está no plano da amizade e esta só é possível a partir da reciprocidade, da comunicação e da convivência (viver com)⁶. Apesar de ter potencial para atingi-la, o aparelho psíquico não tem compromisso com a verdade, apenas com a descarga, por isso mesmo atingir a verdade requer um infinito trabalho de experimentação da experiência para que a vida possa ser valorizada e simbolizada a partir da substituição, no mundo interno, de objetos vorazes e ameaçadores por objetos reparadores, gratos e criativos.

5 Mais especificamente sobre a tristeza a qual me refiro: “Ser humano é como dar-se o direito de experimentar o estado de delicada tristeza proveniente da imanência e, por isso, compreender a importância do luto diário obrigatório e o valor de lidar com a verdade e a realidade de uma vida limitada. É conseguir ver a vida tal como é, não só em seus aspectos de restrição.” Trecho do livro *Idealcoolismo*. Antonio Alves Xavier e Emir Tomazelli.

6 Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, afirma: “Ele [o homem] necessita, por conseguinte, ter consciência também da existência de seu amigo, e isso se verificará se viverem em comum e compartilharem suas discussões e pensamentos; pois isso é o que o convívio parece significar no caso do homem, e não, como para o gado, o pastar juntos no mesmo lugar” (1979, p. 208).

Por fim, vê-se que a psicanálise está debruçada sobre o que é estranho/familiar desde os seus primórdios e, ao transcorrer do tempo, pôde aprimorar, em intercâmbio com outras áreas de conhecimento, tanto sua metapsicologia quanto as questões técnicas relativas ao tema. No entanto, para que o psicanalista constate o efeito demoníaco que o duplo causa a seus pacientes, deve conhecer seu próprio duplo. Deve ser capaz de ouvir a voz do inimigo interno do paciente para que não seja ludibriado e enfeitado por ele; caso contrário, o analista será estimulado a mentir e a corroborar com a relação deteriorada que o paciente mantém consigo mesmo. Tarefa árdua, a integração psíquica enquanto convivência e comunicação com o estranho que habita o psiquismo é um dos objetivos fundamentais da psicanálise, tendo em vista que o humano aja, predominantemente, a partir de sua verdade e não apenas a partir de determinações superegoicas.

REFERÊNCIAS

- ALVES X.A.; TOMAZELLI, E. *Idealcoolismo: um olhar psicanalítico sobre o alcoolismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*. (II) (1900). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Totem e Tabu*. (1913). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. (1914). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Arruinados pelo Êxito*. (1916) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Criminosos em consequência do sentimento de culpa*. (1916) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *O Estranho*. (1919) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. (1919) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *Além do Princípio de Prazer*. (1920) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *O Ego e o Id*. (1923) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____. *O Mal-Estar na Civilização*. (1930 [1929]) In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GEREZ-AMBERTÍN, M. *As vozes do Supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Editora de Cultura, Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes, 1996.
- KLEIN, M. *Estágios iniciais do conflito edípico e da formação do superego*. (1928) In: A Psicanálise de Crianças. Obras Completas de Melanie Klein. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. *Sobre a criminalidade*. (1934) In: Amor, Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945). Obras completas de Melanie Klein. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Inveja e Gratidão* (1957) In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Obras Completas de Melanie Klein. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental*. (1958) In: Inveja e Gratidão e outros trabalhos. Obras Completas de Melanie Klein. v. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LEITE, P. G. *Hybris e a ofensa ao divino como causa da ruína dos governantes em Ésquilo*. Fato & Versões. Revista de História. v. 6, 2014.

MALCOLM, R.R. *A constituição e o funcionamento do superego*. (1984) In: Suportando Estados Mentais Insuportáveis. Rio de Janeiro: Imago Editora, Nova Biblioteca de Psicanálise. 2004.

RANK, O. *O Duplo: um estudo psicanalítico*. (1914) Tradução: E. L. Schultz. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

ROSENFELD, H. *Impasse e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Nova Biblioteca de Psicanálise, 1988.